

Pegar o futuro pelas orelhas

Atendendo ao pedido do escritor Roberto Drummond, autor de Hilda Furacão, a vereadora Jô Moraes, do PCdoB de Belo Horizonte, candidata a deputada estadual, escreveu uma resposta a um empresário mineiro, preocupado com o futuro da filha, filiada ao Partido Comunista. Em sua resposta, Jô afirma que “não tem sido fácil criar, na juventude, um ambiente em que a solidariedade e o sonho da igualdade estejam presentes. A gente vive num mundo da competição, do egoísmo, do pisar nos outros para subir na vida, do curtir um barato queimando um índio vivo.”

Página 2



A Classe Operária



R\$ 1,00

Órgão Central do Partido Comunista do Brasil

Derrotar FHC para livrar o Brasil da crise

Fabrizia Granatieri/Folha Imagem

A União do Povo – Muda Brasil diz que a crise do país é profunda e defende um plano de emergência para enfrentá-la. A campanha esquentada na reta final e um esforço da militância pode garantir o segundo turno, afirma Renato Rabelo, vice-presidente nacional do PCdoB.

Cientistas, intelectuais, professores e artistas divulgaram manifesto de apoio a Lula em ato que lotou o Tuca, na PUC/SP. O ato contou com a presença de diversos artistas, entre eles o cantor e compositor Chico Buarque.

No dia 18 aconteceu, em São Paulo, o lançamento do Conselho Político das candidaturas de Lula e Brizola. Sua composição mostra a amplitude que a chapa Lula/Brizola alcançou. Lula dividiu com o Conselho Político a responsabilidade de desmascarar FHC e vencer a crise em que o país está mergulhado.

Páginas 3 e 8

Provocações governistas contra trabalhadores rurais

Nas últimas semanas, o governo FHC vem tentando desmoralizar o Movimento dos Sem Terra. Acusações como a de que o MST estaria atuando no “polígono da maconha” do Nordeste; estaria organizando uma milícia armada no Pontal do Paranapanema e preparando a invasão da fazenda do presidente Fernando Henrique Cardoso foram alardeadas pelo governo, sem nenhuma comprovação. Em resposta, os trabalhadores rurais têm realizado manifestações contra a política governista e o atraso na reforma agrária.

Página 4



Maurício Moraes



Encontro das bandeiras reuniu mais de 40 mil pessoas na orla do Rio de Janeiro. Ao lado, Lula fala no lançamento do Conselho Político

Incompetência e demagogia do governo levam o país ao abismo

O Brasil é refém da agiotagem internacional, graças à política irresponsável de Fernando Henrique Cardoso. Em menos de um mês, o país perdeu bem mais que 20 bilhões de dólares. Na tentativa de apagar a ganância dos es-

peculadores estrangeiros, o governo anunciou novos cortes nos gastos públicos (sobretudo com saúde) e elevou duas vezes (em três dias) as taxas de juros, que emplacaram 49,75%.

Página 5

Confira a relação dos candidatos do PCdoB

O Partido Comunista do Brasil lançou, em todo o país, candidatos à Câmara Federal e às assembleias legislativas. Para presidente da República, apóia Lula e a coligação União do Povo – Muda Brasil. Na Bahia, apresenta Daniel Almeida para o Senado. Em todos os Estados, o PCdoB participa de coligações para o governo.

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois



Jô tranqüiliza pai

Arquivo

A crônica de hoje é feita pela vereadora Jô Moraes, a meu pedido. Nela, Jô Moraes tranqüiliza o pai empresário, meu amigo, cuja filha entrou para o PCdoB, e deixou-o sem dormir. Sigam com Jô Moraes:

“Caro empresário, amigo de Roberto Drummond:

Quando Roberto contou do seu temor porque sua filha entrou no PCdoB, a primeira reação que me veio foi: “que pai legal ele deve ter sido”. Você bem sabe que não tem sido fácil criar, na juventude, um ambiente em que a solidariedade e o sonho da igualdade estejam presente. A gente vive num mundo da competição, do egoísmo, do pisar nos outros para subir na vida, do curtir um barato queimando um índio vivo.

A juventude, caro amigo de Roberto Drummond, anda cercada de armadilhas, diferente do período em que a gente viveu. Naquela época, poetizada tão bem por Roberto em ‘Hilda Furacão’, a gente tinha o impulso da luta pela liberdade. Ele orientava as passeatas e as paixões. Até a propaganda se aproveitava dele: “a liberdade é uma calça jeans, azul e desbotada”, lembra?

Na época da ditadura militar, quando fui presa pela primeira vez no Congresso da UNE em Ibiúna, eram 700 jovens, numa reunião clandestina, imagine só! Quanta energia transformadora estava cercada pelos cães policiais e o frio daquele enlameado sítio paulista! No presídio Tiradentes, onde a gente ficou, teve até a solidariedade das prostitutas detidas. Reedição dramática do clima de integração das **diferenças rebeldias** do Maravilhoso Hotel.

Imagine, caro empresário, amigo de Roberto Drummond, como a juventude hoje está sem perspectiva. Minha filha Ana, aos 11 anos, chegou para mim e me pediu uma psicóloga. E eu perguntei: - Para que você quer uma psicóloga, minha filha? E ela disse: - “É porque eu não sei o que quero da vida, mãe”. (Hoje, aos 18 anos, ela já entrou para o PCdoB, como a sua, depois de ter sido anarquista e outras coisas mais).

Essa juventude, maravilhosamente questionadora, precisa encontrar um rumo. Fico pensando como deve ter sido interessante sua conversa com Roberto Drummond, no espaço azul desse querido país de nós três. Você, um empresário,



Jô Moraes escreveu este artigo a pedido de R. Drummond

provavelmente tensionado pela crise das Bolsas, pelos juros altos, que impedem a ampliação de seus investimentos, vivendo a instabilidade do reduzido crescimento do país que provoca desemprego e ainda preocupado com os novos caminhos da filha.

Caro empresário, amigo de Roberto Drummond, fique tranqüilo! No PCdoB, sua filha compartilhará do sentimento, para alguns dinossáurico, de que esse Brasil precisa de um caminho soberano que coloque a imensa riqueza que ele produz a serviço de sua gente. (Ainda usamos, com orgulho, o palavão “patriota”, desculpe se soa mal, mas somos parte desse palavão). Não se surpreenda se eu disser que o sonho de um mundo solidário acalentado por muitos socialistas que já se foram, passa por essa integração mundial cujas vantagens são hoje apropriadas por poucos.

A integração que a gente quer é a que garanta à maioria de nossa gente navegar nas ondas globais e não apenas a uns poucos. Por essa teimosia humana, a gente aposta na vida, por mais estranho que isso soe na enlouquecida lógica do mercado. Imagino, caro empresário amigo de Roberto Drummond, que você ficará surpreso quando sua filha lhe contar que escutou Sérgio Miranda, em um discurso na Praça 7, concluir suas palavras com os versos de Maiakovski: “O futuro não virá por si só / se não tomarmos medidas / Pega-o pelas orelhas, juventude”. É isso que a gente quer compartilhar com sua filha.

PS (para seu amigo Roberto): ficamos orgulhosos de você ter se inspirado na vida de Maria Lúcia Petit, guerrilheira do Araguaia, no seu “Inês é morta”. A tarefa agora é lê-lo e curtí-lo. Com um grande abraço, Jô Moraes.”

Ajude a eleger os candidatos do PCdoB

Chegou a hora de eleger os candidatos do Partido Comunista do Brasil. Em todo o país, o PCdoB tem candidatos à Câmara Federal e às assembleias legislativas. Para presidente da República, estamos com Lula e a coligação “União do Povo - Muda Brasil”. Em todos os Estados, o PCdoB participa de coligações majoritárias e, na Bahia, apresenta Daniel Almeida para o Senado

Candidatos a deputado federal

Estado	Candidatos	Estado	Candidatos
Acre	Marcio Batista - 6565	Pará	Socorro Gomes - 6511
Alagoas	Eduardo Bonfim - 6540	Paraíba	Simão Almeida - 6565
Amazonas	Vanessa Grazziotin - 6565	Paraná	Ricardo Gomyde - 6565
Amapá	Raimundo Carlos Marques (Charles) - 6580	Pernambuco	Renildo Calheiros - 6540
Bahia	Haroldo Lima - 6511 Javier Alfaya - 6522	Piauí	Anselmo Dias - 6565 Antônio de Pádua Kalume - 6555
Ceará	Inácio Arruda - 6565 Jânia Vieira - 6510	Rio de Janeiro	Jandira Fegalli - 6565 Fernando Gusmão - 6598
Distrito Federal	Agnelo Queiroz - 6565	Rio G. Norte	Canindé França - 6511 Eveline Guerra - 6512
Espírito Santo	Wagner Pappi - 6580	R.G. Sul	Edson Silva - 6565
Goiás	Aldo Arantes - 6560	Rondônia	Manoel Carlos Neri Silva - 6565 Gilmar Leite - 6510
Maranhão	Eurico Fernandes - 6512 Júlio Guterres - 6541 Pedro Oliveira - 6565	Roraima	Francilene Rodrigues - 6565
Minas Gerais	Sérgio Miranda - 6565	Santa Catarina	Lia Klein - 6598
Mato Grosso Sul	Lairson Palermo - 6565	São Paulo	Aldo Rebelo - 6565 Vital Nolasco - 6513
Mato Grosso	Miranda Muniz - 6565 Olívio Souza - 6520 Paulo Fróio - 6550	Sergipe	Tânia Soares - 6565

Candidatos a deputado estadual

Estado	Candidatos	Estado	Candidatos
Acre	Edvaldo Magalhães - 65111 Antônio Apuriná - 65222 Eduardo Farias - 65650	Minas Gerais	Clélio Matos - 65432 Dailton Pinheiro - 65610 Aristeu Soares - 65650
Alagoas	José Roberto - 65123	Mato Grosso	Chaparral (Zózimo Wellington) - 65610
Amazonas	Eron Bezerra - 65656 João Gonçalves Maciel - 65610 Pedro Mendes Gabriel (Índio Ticuna) - 65611 José Valder - 65666	Mato G. do Sul	Daniel - 65123
Amapá	Darci Carvalho - 65123 Givanildo Serra Barbosa (Nildo) - 65789	Pará	Paulinho Fonteles - 65165 Sandra Batista - 65123
Bahia	Alice Portugal - 65222 Álvaro Gomes - 65110 Davidson de Magalhães - 65111 Messias Gonzaga - 65678 Paulo Costa - 65121 João Cambuí - 65665 Lourival Gusmão - 65333 Pedro Marcelino - 65611 Miguel Felício - 65456 Edio Pereira - 65610 Rita Rodrigues - 65100 Pascoal Martins - 65165 Francisca Brasília - 65123 Kelly Magalhães - 65622 Anselmo Matos - 65555 Josenir da Silva Santos - 65613	Paraíba	Renô Macaúbas - 65123
Ceará	Chico Lopes - 65165 Maria Assunção - 65456 Tinoco Luna - 65110 Iracione Nascimento Nunes - 65111 Carlos Eduardo - 65511	Pernambuco	Luciana Santos - 65111 Luiz Carlos Souza - 65401
D. Federal	Messias de Souza - 65123 Elias Lopes - 65111 Olgamir Amância - 65789	Piauí	Manoel Domingos - 65655
Espírito Santo	Namy Chequer - 65789 Almir Forte - 65456 Vilmar Gomes - 65123	Paraná	Ortencia Rosa - 65123 Marley Ferreira - 65111
Goiás	Denise Carvalho - 65123 Mauro Rubem - 65789 Marcelo Mendonça - 65100 Edvaldo Lourenço - 65624 Flávio Sena - 65626 Rogério Rocha - 65637	Rio de Janeiro	Edmilson Valentim - 65123 Edmundo de Aquino (Edmundo da Maré) - 65980 Luis Cláudio de Oliveira Maia - 65650 Deise Rezende - 65789 André Manhães (Andrezinho) - 65654 Eduardo Fontinelli - 65456 Fernando Serpa - 65321 Márcio Marques (Marcinho) - 65987
Maranhão	Marcos Kowarick - 65123 Joaquim Costa - 65147 Almir Ramos - 65200 Ribamar Nunes - 65167	Rio G. do Norte	Jacó Neto - 65111 George Câmara - 65123
Minas Gerais	Jô Moraes - 65656 Liza Prado - 65165 José Luiz Guedes - 65601 Lipa Xavier - 65611 Fernando Ferreira - 65111	Rio G. do Sul	Jussara Cony - 65165 Vladimir Guimarães - 65265 Luis Carlos Mattozo - 65601 Deo Gomes - 65653 Júnior Piaia - 65656
		Rondônia	Valduino Martins - 65123 Olavo Bernardo da Silva Filho - 65456
		Roraima	Namis Levino - 65654
		Santa Catarina	Luiz Henrique Costa - 65123 Paulinho Silva - 65478 Clair Castilhos - José Sarmiento - 65197 Jaime Paladini - 65234 Douglas Mattos - 65248 Armando Burg - 65321
		São Paulo	Jamil Murad - 65123 Nivaldo Santana - 65789 Sérgio Benassi - 65656 Majô - 65234 Suely Torres - 65432 Luiz Roberto dos Santos (China) - 65644 Pedro Murgi - 65610 João Francelino de Araújo (João Amazonas) - 65200 Hélio Carlos (Helinho) - 65456 Sergipe Tocantins Edvaldo Nogueira - 65123 Marizon Rocha - 65610

EXPEDIENTE

Diretor e Jornalista Responsável: João Amazonas - Edição: Guiomar Prates (Mtb 7061/31/04v), Pedro de Oliveira (Mtb 9.813 -SP) e Carlos Pompe (Mtb 249/01/128/AL) **Estagiária:** Gabriela Mendonça.
Editoração Eletrônica: Sandra Luiz Alves - **Administração:** Francyrose de Andrade Matarazzo. Publicação quinzenal da Empresa *Jornalística A Classe Operária* - Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - São Paulo/SP - CEP 01318-020 - Fone: (011) 3104 4140
PCdoB na Internet: <http://www.pcdob.org.br>,
E-mail: classeop@ruralsp.com.br

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



A União do Povo – Muda Brasil concentra toda sua energia para ir ao segundo turno das eleições. O centro da campanha presidencial tem sido a crise que atinge em cheio o Brasil. O desafio é mostrar ao povo que FHC é o responsável pela crise

Oposição rumo ao segundo turno

Guiomar Prates

O vice-presidente do PCdoB, Renato Rabelo, diz que a responsabilidade pela crise é do atual governo, que tornou o país mais vulnerável. E isso deve ser mostrado ao povo. “Esse governo sempre defendeu os chamados capitais globais. Dizia que estávamos ingressando em uma ‘nova era’. E, hoje, persiste em adotar a mesma política, fazendo concessões cada vez maiores ao capital financeiro. Essa política já se esgotou”, afirma, defendendo um novo governo. “Precisamos de mudanças, de novos rumos para o Brasil, que só poderão ser alcançados

com um novo governo”.

Para a União do Povo – Muda Brasil, a crise é profunda e precisa ser enfrentada com uma nova política, que leve em conta três momentos diferentes: um **plano emergencial**, para estancar a sangria a que o país está submetido; um **programa de transição**, que visa a retomada do desenvolvimento; e, depois, a aplicação do **programa fundamental da coligação**, que busca o desenvolvimento sustentado com base na poupança interna, no mercado interno e na melhor distribuição de renda.

A opinião do dirigente comunista é de que essa com-

preensão começa a se refletir no discurso eleitoral, que deve ser unificado nacionalmente. Essa foi uma das constatações de uma teleconferência nacional realizada no último dia 15, com a participação de todos os Estados. “Sentimos que a campanha está esquentando. Nossa avaliação é de que podemos crescer pelo menos uns 5% até o dia da eleição, para garantir o segundo turno”, diz Renato.

Colar as campanhas

Para Renato Rabelo, os candidatos aos governos dos Estados e aos cargos proporcionais devem vincular suas campanhas com a campanha nacional.

Maurício Moraes



Niemeyer, Lula, Brizola, Pires e Amazonas

Conselho Político

Foram anunciados no dia 16 de setembro os membros do Conselho Político Nacional e os Conselhos Nacionais Temáticos da chapa União do Povo – Muda Brasil. Formado por 42 personalidades representativas dos mais diversos setores sociais, o Conselho Político mostra a amplitude da candidatura de Lula.

“Nosso desafio é mostrar ao povo que o Brasil tem condições de vencer os obstáculos e vencer a crise. Precisamos dar um exemplo ao mundo, pagando a dívida principal, que é com o povo brasileiro. Haveremos de solucionar a crise com justiça social. Precisamos de uma pátria que não seja de párias, mas sim de cidadãos livres”, discursou o ex-governador da Bahia, Valdir Pires.

O empresário Lawrence

Pih responsabilizou o governo por ter deixado o país na situação em que se encontra, com uma dívida externa de R\$ 220 bilhões e a interna de R\$ 330 bilhões. “As exportações caíram, mesmo o Brasil tendo uma das cargas tributárias mais altas do mundo. Sem dúvida, os partidos coligados na União do Povo têm propostas sérias, que podem gerar empregos e garantir a justiça social”, afirmou.

O candidato ao governo do Estado do Paraná, pelo PMDB, Roberto Requião, também integra o Conselho Político. Ele afirmou que “estamos com vocês porque estamos a favor do Brasil, dos excluídos, dos trabalhadores, dos pequenos e médios empresários que não vão sobreviver caso Fernando Henrique ganhe a eleição”.

Requião citou uma conversa com o dono das indústrias Klabin, onde ele teria afirmado que “apenas a Votorantin tem condições de sobreviver com a atual política” e que a Klabin, entre outras, não aguenta mais um ano com os juros nos patamares em que estão.

Mais paixão

Roberto Requião criticou o corte nos financiamentos à agricultura e sugeriu que a propaganda da União do Povo Muda Brasil deve mostrar ao povo os resultados concretos da política do governo, como o corte de verbas das áreas sociais e da agricultura, além do desemprego.

O candidato a vice-presidente, Leonel Brizola, disse que é preciso paixão para ganhar a eleição. “Neste mo-

Em alguns Estados, como o Rio de Janeiro, a campanha de Lula cresceu a partir da maior vinculação com Garo-

tinho, candidato a governador. “Para isso, toda a militância vai trabalhar com o máximo de seu empenho”, afirma.

Encontro das bandeiras

A frente União do Povo Muda Rio (PT, PDT, PSB, PCdoB e PCB) invadiu a orla do Rio de Janeiro no dia 13 de setembro, reunindo mais de 40 mil pessoas. Para a presidente do PCdoB no Rio, Ana Maria Rocha, “a garra e a fibra dos presentes mostrou a importância da unidade da esquerda e deixou claro que é possível dar a virada e garantir o segundo turno com Lula”. O candidato da União do Povo afirmou que “o entusiasmo indica que a virada no Rio de Janeiro pode contagiar todo o Brasil”.

A militância comunista teve participação destacada, colorindo o ato com as bandeiras vermelhas e distribuindo materiais de seus candidatos.

No Rio de Janeiro, as chapas Lula/Brizola, para a presidência; Garotinho/Be-

nedita, para o governo do Estado; e Saturnino, para o Senado, lideram as pesquisas eleitorais.

Angra também agitou

No dia 12 de setembro, a cidade de Angra dos Reis (RJ) também fez seu carnaval, reunindo mais de 6 mil pessoas em um comício que contou com as presenças de Lula, Brizola, Garotinho, Benedita e Saturnino. Pelo PCdoB falou Jandira Feghali, candidata a deputada federal.

Depois do evento, os candidatos confraternizaram em um restaurante, ocasião em que Jandira mostrou seus dotes de baterista. O show da parlamentar comunista foi um sucesso, noticiado nos principais jornais do Estado.

*colaborou Weverton Brito Lima

Integrantes do Conselho Político Nacional

Abdias do Nascimento, Antonio Candido, Beth Carvalho, Caio Fábio, Carlyle Guerra de Macedo, Celso Antonio Bandeira de Mello, Celso Furtado, Dalmo Dallari, Dom Mauro Morelli, Eros Grau, Frei Betto, Helgio Trindade, Herman de Assis Baeta, Hesio Cordeiro, João Amazonas, João Pedro Stédile, José Dirceu, Lawrence Pih, Leonardo Boff, Luciano Coutinho, Luis Pinguelli Rosa, Luis Fernando Verís-

simo, Manoel de Serra, Márcio Thomas Bastos, Marco Antonio Rodrigues Barbosa, Maria da Conceição Tavares, Miguel Arraes, Neiva Moreira, Oded Grajew, Oscar Niemeyer, Oziris Lopes Filho, Paes de Andrade, Raimundo Faoro, Ricardo Capelli, Roberto Requião, Samuel MacDowell, Tânia Bacelar, Tarso Genro, Theotônio do Santos, Valdir Pires, Vicente Paulo da Silva, Zuleide Farias de Mello.

mento, a nação precisa de Lula. FHC já se gastou”. Brizola alertou que uma vitória de Fernando Henrique traria consequências ainda mais desastrosas para o país: “Se ocorrer essa desgraça teremos que nos preparar para um pacote horrível, como uma espécie de torniquete sobre o povo brasileiro, que terá que reagir com a revolta geral”, afirmou.

Lula dividiu com o Conselho Político a responsabilidade para desmontar Fernando Henrique.

“Será que é mais preparado quem só aplica a receita que vem de fora, imposta pelos grandes? Fernando Henrique mais parece um cidadão que trabalha em banco fazendo compensação de cheques da dívida pública. Isso é saber governar? Hoje, nosso principal adversário é aquilo que se tenta vender pela mídia, uma mentira. Ganhando a eleição, eu vou fazer tudo diferente do Fernando Henrique. Os ricos não vão fazer um governo para os pobres”, afirmou.



Programa de FHC ataca a democracia e os direitos trabalhistas

Carlos Pompe

Há um mês da eleição, Fernando Henrique Cardoso divulgou o seu programa para um novo mandato. A avaliação governamental é de que o Brasil vai bem, mas nada é tão bom que não possa ficar ainda melhor. "O sentido geral da mudança (...) é a inclusão dos excluídos". Ao contrário do que vivem os sem-terra e os assalariados, não existe luta de classes ou concentração de riqueza: "Nenhum setor precisa perder para que a inclusão se dê na escala desejada", informa o panfleto governista.

Caso o eleitor não tenha percebido isso no seu dia-a-dia, o documento informa que o governo FHC "melhorou de forma significativa a atuação federal nas áreas de saúde, previdência social, crédito rural e apoio às micro e pequenas empresas, no campo e na cidade". Agora, vai seguir a "rota segura da redução do 'custo Brasil' e dos ganhos consistentes de produtividade". O chamado "custo Brasil", segundo o governo, é o excesso de direitos dos trabalhadores brasileiros, o que tornaria a produção industrial e

agrícola do país pouco competitiva nos mercados globais. Mas no segundo mandato, o da "inclusão dos excluídos", esse "custo Brasil" será reduzido...

Distante da realidade

Os que reclamam de falta de trabalho que se calem, pois "mais de um milhão de empregos foram criados entre junho de 1994 e junho de 1998", apenas nas regiões metropolitanas. Não é por acaso que o ministro do Trabalho, Edward Amadeu, jura de pé junto que não há desemprego no país. Os próximos anos serão ainda melhores: serão criados mais "7,8 milhões de postos de trabalho até 2002". Se você está preocupado com a atual crise econômica, relaxe: "As perspectivas para tanto são amplamente favoráveis", garante FHC. Outro compromisso do atual presidente (o governante que duplicou os juros no país) é "reduzir gradualmente as taxas de juros".

Se as propostas econômicas de FHC podem causar risos (ou irritação), tamanha a distância entre o fraseado e a realidade, o mesmo não se pode dizer de outras questões, como seus objetivos políticos.

As investidas governamentais no caminho do autoritarismo transformaram-se em lei, como foi o caso do golpe da reeleição. Agora, as hostes governistas querem "dificultar a formação de coligações partidárias nas eleições proporcionais" e adotar "critérios para a presença parlamentar dos partidos, com um percentual mínimo de votos no país, e em determinado número de Estados." O golpe contra os partidos é apresentado visando incentivar "o agrupamento de tendências similares em uma única legenda".

Sindicatos ameaçados

Questões trabalhistas e salariais são igualmente abordadas. O atual governo está atropelando direitos trabalhistas, atacando sindicatos e agora possibilitando contratações por valores inferiores ao salário mínimo, com o tal "trabalho temporário". Para um segundo mandato, FHC promete continuar no ataque: "o governo proporá um conjunto de medidas que inclui (...) adotar o pluralismo sindical".

Um pensador alemão definiu desta forma a propaganda: "Toda propaganda deve ser tão



popular e ter tal nível intelectual que até mesmo o mais ignorante daqueles para a qual ela é dirigida possa entendê-la. Pode-se fazer com que as pessoas percebam o paraíso como o inferno e, no sentido oposto, que considerem a forma mais vil de vida como o paraíso". Ao que tudo indica, esta fórmula foi seguida à risca pelos redatores do programa de Fernando Henrique.

Mas a realidade não tem dado tréguas às intenções do presidente. O programa foi apresentado no dia 4 de setembro. No mesmo dia, FHC anunciou uma nova alta de juros e medidas recessivas (como serão criados empregos, com recessão?). Na semana seguinte, nova alta de

juros ocorreu e foram anunciados cortes para as verbas sociais. No entanto, foi esclarecido que não haveria mudanças nas metas do programa de novo governo, pois elas serão executadas "de acordo com as circunstâncias do momento", segundo Euclides Scalco, coordenador político da campanha de FHC.

Não é uma boa idéia se deixar constanger pela realidade, em plena campanha política. "A realidade é muito pouco popular e, lida, não tem graça nenhuma", afirma o livro *O princípio Dilbert*, de Scott Adams. Em tempo, a definição de propaganda citada mais acima é do "pensador alemão" Adolf Hitler, e está no livro *Mein Kampf*.

Governo responde com provocação ao Grito dos Excluídos

O IV Grito dos Excluídos, realizado no dia 7 de setembro, foi marcado por protestos em quase todo o país. O movimento organizado pela Igreja Católica, CUT, MST Central dos Movimentos Populares reuniu, aproximadamente, 115 mil pessoas em favor da reforma agrária e contra a exclusão social.

Atos foram realizados em São Paulo, Aparecida (SP), Rio de Janeiro, Belo Horizonte e outras capitais. O candidato à presidência pela União do Povo - Muda Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, participou das manifestações em Belo Horizonte, onde 5 mil pessoas fizeram uma caminhada pelo centro da cidade e manifestações em frente à sede do governo do Estado. Em São Paulo, 10 mil pessoas se concentraram em frente ao Museu do Ipiranga.

Em Salvador (BA), o acesso ao centro de milhares de sem-terra foi proibido, durante a realização do desfile do 7 de Setembro. Mais de 4 mil pessoas participaram do ato. Na tentativa de impedir a manifestação, a polícia colocou



Sede do Incra/SP: fechada

barreiras em locais estratégicos, visando dificultar a presença dos manifestantes. Em Belém, 6 mil pessoas exigiram a desapropriação de 280 fazendas no Estado para assentamento de 20 mil famílias.

Fechado por incompetência

Manifestações contra o atraso no processo de desapropriação de terras ocorreram também no dia 8 de setembro. O MST ocupou sedes do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) em São Paulo, Natal e Vitória.

Em São Paulo, os manifestantes fecharam o Incra por

"incompetência". Os portões do prédio foram trancados e as chaves entregues ao deputado estadual Jamil Murad (PCdoB/SP) e ao deputado federal Luiz Eduardo Greenhalgh (PT/SP).

No Pontal do Paranapanema (Oeste de São Paulo), continuam as ocupações e os conflitos e provocações por parte dos fazendeiros. No dia 13 de setembro, dois homens dispararam quatro tiros contra um grupo de militantes do MST. O atentado ocorreu a cerca de 200 metros do local onde o líder do Movimento, José Rainha, concedia uma entrevista.

Pelas contas do MST, existem 2.500 famílias acampadas à espera de terra, apenas em São Paulo. Outro motivo para o desencadeamento de novas invasões foi o cancelamento do repasse de recursos do crédito agrícola à Cooperativa dos Assentados da Reforma Agrária no Pontal do Paranapanema (SP), pelo Banco do Brasil.

Fernando Henrique vem atacando violentamente o Movimento Sem Terra desde o dia 7 de setembro. O chefe da Casa Militar, general Alberto Cardo-

so, acusou o MST de manter, no Pontal do Paranapanema, 15 peritos em armas para atuar em eventuais conflitos de terras. Lideranças do MST desafiaram o general a enviar tropas do Exército para fazer uma re-

vista detalhada nos acampamentos e nas fazendas do Pontal do Paranapanema em busca de armamentos pesados, lembrando que quem possui armas são os fazendeiros e não os trabalhadores.

Como não enlouquecer no trânsito ...



O cartunista Gilberto Maringoni lançou o livro "Como não enlouquecer no trânsito ... O primeiro e verdadeiro livro de auto ajuda".

De maneira bem humorada e irônica, o livro fala do caos do trânsito, seus congestionamentos, inundações, rodízios, mecânicos, guardas, buracos e assaltantes.

O livro fornece dicas de como sobreviver ao stress dos engarrafamentos e outras informações — por exemplo, como lidar com a classe média — que de boca cheia e sempre deixe

uma das mãos livres para poder se expressar melhor) ou como entender o que o mecânico realmente quer dizer (não que isso vá adiantar grande coisa, mas enriquece o vocabulário) ou ainda, como aproveitar um engarrafamento em família (dicas sobre relacionamento com as crianças e com a sogra).

O autor dedica seu livro a todos aqueles que contribuíram e contribuem para tornar nosso trânsito caótico. Todos aqueles que "destruíram ferrovias, arrasaram com o transporte coletivo, abriram estradas, rasgaram bairros e poluíram cidades." Porque como diz o ditado: "o trânsito caótico não se improvisa. É obra de décadas."

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



Indiferente aos apelos desesperados e à demagogia do “estadista” FHC, a crise global da economia capitalista avança, vitimando os países ditos “emergentes” (conforme o eufemismo cínico usado pelo FMI) e, colocando como a *bola da vez* do nosso pobre Brasil

Recessão e desemprego, a resposta do governo para a crise

Umberto Martins

A política entreguista de FHC transformou o Brasil em refém da agiotagem internacional. Em questão de dias, o país perdeu bem mais que 20 bilhões de dólares e teve suas voláteis reservas (que haviam chegado a festejados 74 bilhões de dólares em julho) reduzidas a menos de US\$ 50 bilhões. Na tentativa de aplacar a ganância dos especuladores estrangeiros, o governo anunciou novos cortes nos gastos públicos (sobretudo com saúde) e elevou duas vezes (em três dias) as taxas de juros, que emplacaram 49,75%.

Os recentes acontecimentos possuem o inegável mérito de revelar o comportamento a um só tempo demagógico, impotente e subserviente do governo FHC diante da crise. Na manhã do dia 10 de setembro, o presidente reuniu o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o diretor de política monetária do Banco Central, Francisco Lopes, orientando-os a prometer que as taxas de juros (que já haviam sido aumentadas dois dias antes) não sofreriam nova elevação, até mesmo porque, nas reconfortantes palavras do *príncipe dos sociólogos*, “não podemos entrar num jogo em que o mercado impõe e dispõe. Há momentos em que o país é que tem de impor e dispor.”

Requinte das liquidações

O dia foi dominado pela mesma melodia, executada em três vozes. FHC deu o tom mais dramático e enfático. Recordemos suas taxativas promessas, pronunciadas precisamente às 17 horas daquela fatídica quinta-feira: “Os juros já foram aumentados. Não posso sacrificar o país por causa de uma ganância que não tem base na situação real.” A idéia era de que as palavras de tão altas autoridades da nossa República amansariam o poderoso deus mercado, agora globalizado (a quem FHC e equipe já venderam, além da alma, a própria nação), fariam retroceder a fúria nas bolsas e, sobretudo, conteriam a fuga de capitais.

Uma doce ilusão. O mercado fez ouvidos moucos diante de sua majestade. As bol-



sas continuaram despencando e capitalistas estrangeiros e nacionais aceleraram a remessa de dólares para o exterior, promovendo uma sangria de quase 2 bilhões de dólares. Pode-se admitir a honestidade de propósitos do presidente em relação aos juros, principalmente porque estamos à véspera das eleições, mas a vida não tardou a revelar a impotência do príncipe diante da crise. Quando o relógio marcava 22h20, veio a última notícia do dia 10/09. Para satisfazer a ganância insaciável dos agiotas, FHC determinou a elevação das taxas para 49,75%, “com esse interessante requinte das liquidações, de encostar sem emplacar os 50%”, conforme notou o jornalista Jânio de Freitas, em artigo publicado pela “Folha de S.Paulo” no domingo seguinte.

O categórico desmentido das frases pronunciadas com insistência durante o dia teria sido inspirado por conselhos do FMI, a quem FHC mais tem recorrido em busca de uma “salvação” nos últimos dias. O episódio evidenciou o caráter subserviente do presidente e sua equipe à banca internacional.

O povo paga

A demagogia de FHC será percebida com mais força e dramaticidade na hipótese de um segundo mandato. O presidente ancorou sua campanha na promessa de que vai solucionar o problema do desemprego: “Quem acabou com a inflação vai acabar com o desemprego”, é a frase que mais se ouve em suas propagandas.

As medidas que acaba de adotar terão conseqüências opostas. As altas dos juros aprofundarão as tendências recessivas da economia e todas as empresas estão protelando projetos de investimentos e substituindo-os por pla-

nos de cortes dramáticos de custos, o que começará pelo quadro de pessoal.

Além de demissões, aguardem a intensificação do arrocho. As campanhas salariais em curso já refletem este movimento, com os empregadores nas áreas metalúrgica, bancária e outras com datas-base entre setembro e dezembro, procurando impor a retirada de conquistas e benefícios como tiquete-refeição, participação nos lucros e reduzir adicionais de horas extras, trabalho noturno, etc.

Os novos cortes de despesas do setor público, cruéis principalmente na área de saúde (a ponto de merecerem críticas do próprio ministro, o tucano José Serra), revelar-seão absolutamente inócuos quanto ao objetivo de reduzir o déficit público. A meta de economizar cerca de 6,5 bilhões de reais será anulada em um único mês com o aumento das taxas de juros, que devem onerar a União em aproximadamente R\$ 15 bilhões somente até o final deste ano - recursos que serão tirados da população para saciar a ganância dos banqueiros.

Falsa estabilidade

Neste momento, FHC vende esperança de que - com o aumento das taxas de juros - conseguirá segurar o câmbio por tempo indeterminado, com o real relativamente sobrevalorizado. Promete que as coisas transcorrerão mais ou menos como no final do ano passado, mas este é um cenário mais que improvável. A crise agora é bem mais aguda. A revista *The Economist* estima que os prejuízos acumulados pelo capital desde julho de 1997 alcançaram os 4 trilhões de dólares.

A reversão do fluxo de capitais, com o declínio dos investimentos nos países econo-

micamente dependentes e o aumento das remessas, é uma tendência que, ao que tudo indica, vai continuar se afirmando a curto e médio prazos. As proclamações grandiloqüentes dos líderes do G-7 e do FMI só têm servido para evidenciar a impotência dessas instituições diante do avanço impiedoso e avassalador da crise. Lembremos que, poucos dias antes da decretação da moratória russa, o FMI tinha anunciado a salvação do país através de um pacote de US\$ 28 bilhões.

Tudo isto explica o fato de que a perda de reservas brasileiras e a fuga de capitais sejam bem mais expressivas (em novembro foi de US\$ 10 bilhões, enquanto até o momento já fugiram cerca de 25 bilhões de dólares), apesar de taxas de juros maiores.

A situação do Brasil hoje lembra a da Rússia pré-moratória, quando Yeltsin elevou os juros para 50% (aqui, FHC

procurou diferenciar, fixando o número mágico de 49,47%). O aumento das taxas provavelmente só servirá para alimentar a doença e protelar o desfecho da maxi-desvalorização do real, que quando vier significará o fim do Plano Real e, muito provavelmente, o retorno da inflação, patenteando a falsidade da estabilidade monetária ancorada em fluxo crescente de capital estrangeiro. Diante da necessidade de remeter, em 1999, algo em torno de 55 bilhões de dólares para pagamentos (juros, principal da dívida, remessa de lucros e outros) ao exterior, num quadro em que o capital se torna mais raro e mais caro (para os países dependentes, principalmente), a crise cambial tende a se impor. Então, a demagogia de FHC soará mais dramática, pois (além do desemprego) a nação poderá estar de novo às voltas com a inflação.

Enquanto isto, não há quem possa remediar a desgraça que vem no rastro da subida dos juros: recessão, queda da produção, quebra-deiras e aumento do desemprego. Para um país que já padeceu a década perdida, a perspectiva é sombria e talvez se revele insuportável. Quem pagará a conta, como sempre, é o povo. Quando ela chegar, é possível que este imponha uma mudança de rumos.

Informações sigilosas da Petrobrás são abertas para estrangeiros

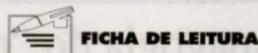
O deputado Haroldo Lima (PCdoB/BA) denunciou mais uma medida adotada pelo governo FHC contra a Petrobrás. Segundo ele, o BNDES constituiu o consórcio “Associação PETROBRASIL” para promover uma devassa na empresa e preparar a venda de 31,72% de suas ações.

O consórcio é composto por representantes empresas estrangeiras de consultoria, tais como a Rothschild, Merrill Lynch, Gaffney Cline, BKR, Roger Wells, além de consultores da Mattos Filho e do próprio BNDES. Esse consórcio tem acesso às informações estratégi-

cas da estatal, que podem ser utilizadas por concorrentes ligados às próprias consultoras. A Rothschild, em associação com a ABN Amro Bank, integra outro consórcio encarregado da ampliação da produção no campo petrolífero gigante de Marlin.

A Gaffney Cline tem ligações com a YPF argentina e a Merrill Lynch também tem ligações com corporações petrolíferas estrangeiras. A atuação de ambas na privatização da YPF é motivo de denúncias e investigações, pois constatou-se que houve transferência das reservas de petróleo da Argentina.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



Do socialismo utópico ao socialismo científico - Engels [2ª parte]

II – O Socialismo Científico expressa os avanços do pensamento filosófico, sintetizando, dialeticamente, o materialismo mecanicista francês e a dialética idealista alemã.

● A elaboração do materialismo histórico só se tornou possível com o desenvolvimento da filosofia, as descobertas científicas e os fatos históricos do século

XIX e como fruto de uma dupla revolução:

– na concepção da natureza – noção de que a natureza tem sua história no tempo, com base em descobertas como as de Darwin (1809-1882), mostrando que os mundos e as espécies orgânicas que os habitam em condições propícias desenvolvem-se, transformam-se;

– na concepção de história – idéia

de luta de classes, com base em fatos históricos como a insurreição operária em Lyon (1831) e o movimento dos cartistas ingleses (1838-1842), revelando que a luta entre o proletariado e a burguesia assumia o primeiro plano da história dos países europeus (nos quais se desenvolvia, de um lado, a grande indústria e, de outro, a dominação política recém-conquistada da burguesia).

Dialética e Metafísica – métodos de investigação da realidade

Dialética

- análise de conjunto: fatos, fenômenos, processos em sua dinâmica, substancialmente variáveis (transições, concatenações, fluxos e refluxos); - pólos antitéticos, mas inseparáveis – penetram-se mutuamente (algo é e não é ao mesmo tempo).

Metafísica

- análise das partes: fatos, fenômenos, processos estaticamente isolados, como substâncias fixas (em ciclos estreitos, um após outro, como algo perene); - sim **ou** não, isto **ou** aquilo, é **ou** não é, positivo x negativo, causa x efeito.

Materialismo e Idealismo – concepções de mundo, de homem e de sociedade

Materialismo

- concebe as idéias como imagens mais ou menos abstratas dos objetos e fenômenos da realidade; - explica a consciência do homem por sua existência.

Idealismo

- concebe as coisas e seu desenvolvimento como projeções realizadas da idéia, que lhes antecede; - explica a existência do homem por sua consciência.

Concepção de História como movimento da sociedade – análise dialética

Concepção materialista de história:

- em cada época, as idéias, crenças, conhecimentos e instituições jurídicas e políticas relacionam-se reciprocamente com a base econômica (relações de produção e de troca).

Concepção idealista de história:

- a produção e todas as relações econômicas só existem como elemento secundário dentro da “história cultural”.

◆ Anote outras características desses métodos e concepções: Capítulo II

● O desenvolvimento dos métodos de pensamento e das concepções de mundo se deu não de forma linear e independente, mas de modo dialético, com relações recíprocas.

a) Já na antiga filosofia grega aparece a dialética, mas ainda rudimentar, insuficiente para permitir o conhecimento da realidade;

- a ciência progrediu, principalmente a partir do século XV, com o emprego do método metafísico no estudo de fenômenos particulares;

- esse método, importante nas ciências naturais, foi transportado para a filosofia, sob a forma do método metafísico de especulação (separação corpo x espírito, coisa x idéia da coisa, matéria x consciência).

b) A moderna filosofia ale-

mã, especialmente com Hegel (1770-1831), recupera a dialética na análise da natureza, da sociedade e do pensamento:

- concebendo como totalidade a natureza, a sociedade e o espírito humano, em íntima conexão, constante movimento, transformação e desenvolvimento e examinando a história da humanidade não como caos, mas como processo, que pode ser acompanhado pelo pensamento, em suas leis internas, suas etapas graduais, seus desvios;

- Hegel libertou da metafísica a concepção de história, tornando-a dialética, mas viu-se limitado pelos próprios conhecimentos, pelos conhecimentos e concepções de sua época e por sua concepção essencialmente idealista.

c) A consciência da inversão em que incorria o idealismo ale-

mão levou ao **materialismo histórico**, substancialmente dialético:

- concepção da história da humanidade como processo de desenvolvimento, procurando descobrir suas leis dinâmicas;

- entendimento da luta de classes como fruto das relações de produção e de troca, refutando as doutrinas burguesas da identidade entre capital e trabalho e da harmonia universal e bem-estar geral das nações com base na livre concorrência;

- explicação da relação entre a estrutura econômica e a superestrutura (instituições jurídicas e políticas, idéias, conhecimentos e crenças) de cada época histórica.

◆ Anote outras características das relações entre dialética, metafísica, materialismo e idealismo, ao longo da história: Capítulo II

Socialismo Utópico

- incompatível com a visão materialista de história (do mesmo modo que a concepção de natureza do materialismo francês não se ajustava à dialética e às novas ciências naturais);

- crítica ao modo capitalista de produção existente e suas conseqüências, mas sem conseguir explicá-lo nem destruí-lo ideologicamente, e também sem explicar claramente como nascia e em que consistia a exploração da classe operária.

Socialismo Científico

- exposição do modo capitalista de produção em suas conexões históricas, pondo a nu seu caráter interno, ainda oculto;

- descoberta da mais-valia – massa cada vez maior do capital acumulado pelas classes que detêm os meios de produção (na compra da força de trabalho do operário, o capitalista se apropria do trabalho não pago);

- reconhecimento do capitalismo como modo de produção necessário para uma determinada época histórica, demonstrando também a necessidade e possibilidade de sua superação.

◆ Anote outras características do socialismo científico: Capítulos II e III.

Recorte e archive as fichas de leitura e demais matérias de Formação

Com a justa prioridade à campanha eleitoral, planeje-se para

explorá-las, individualmente e em grupos, após as eleições. Informe-nos sobre eventuais atividades realizadas para estudo e debate deste material.

Fone: (011) 232-1622. Fax: (011) 3106-4104. E-mail: pcdobcc@uol.com.br

Comissão Nacional de Formação

HISTÓRIA DA LUTA PELO SOCIALISMO

O mundo sob o imperialismo



Tropas italianas durante a I Guerra

Bernardo Joffily

Na virada para o século 20, o mundo parecia relativamente tranquilo (ver o artigo 6 desta série), mas era só aparência. Nas profundezas da base econômica, ocorriam transformações de grande vulto, destinadas a fazer a tranquilidade saltar pelos ares. O capitalismo entrava em uma nova etapa, a do **imperialismo**.

Hoje, esta palavra ganhou uma carga ideológica tão forte que quem a profere é logo excomungado pelo “pensamento único” neoliberal. Há cem anos, porém, **imperialismo** era um termo de uso geral, inclusive pelos círculos oficiais imperialistas, e também por inúmeros estudiosos do fenômeno. Entre estes, merece destaque o dirigente marxista Vladimir Ilich – que usava o “nome de guerra” **Lênin** –, autor do livro **O imperialismo, fase suprema do capitalismo** (1916).

O capitalismo da época dos monopólios

Em resumo, **Lênin** encarava o imperialismo não como uma **política**, arquitetada pelos governantes das grandes potências, mas como uma realidade objetiva, fruto inevitável do próprio desenvolvimento capitalista. O capital, pelos mecanismos da concorrência no mercado, tende a se concentrar e centralizar. Já no fim do século 19 isso engendrara enormes conglomerados empresariais, com atuação global, na época chamados **trustes**, mais tarde **multinacionais**. Com uns poucos mega-grupos controlando os ramos-chave da produção, a livre concorrência dos velhos tempos cedia lugar a uma economia dos monopólios. O imperialismo – dizia **Lênin** – é o capitalismo da época dos monopólios. Os grandes grupos industriais foram também fundindo seus capitais com os dos grandes bancos, gerando o capital financeiro, uma poderosa oligarquia verdadeira nata da burguesia. Os monopólios atuavam no mundo todo, sem frontei-

ras. Além de exportarem produtos, passaram à **exportação de capitais**, inclusive na vasta periferia asiática, africana e latino-americana. O planeta foi repartido entre as mega-empresas. E, para garantir maiores privilégios, elas levaram os governantes de seus países a dominarem os países periféricos também politicamente. A forma típica de domínio era o colonialismo, em que as metrópoles governavam diretamente suas áreas de influência. Mas, já então, países formalmente independentes, como a China ou o Brasil, na prática caíam na “esfera de influência” de uma ou várias potências.

A guerra e as crises revolucionárias

Chegou um momento em que o mundo inteiro estava dividido entre as potências imperialistas – Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, França, Itália, Japão e, com atraso, a Rússia. A expansão dos monopólios reclamava mais e mais domínios, porém não havia para onde se expandir a não ser avançando sobre áreas que já tinham “dono”. Os conflitos decorrentes daí levaram à **Grande Guerra** (a I Guerra Mundial), que ceifou perto de 20 milhões de vidas entre 1914 e 1918.

O imperialismo e a guerra tiveram enorme impacto no movimento operário e socialista. Ao lado da contradição entre o capital e o trabalho, pelo menos duas outras entravam na ordem do dia: a que opõe os países dependentes às metrópoles; e a que opõe as potências e blocos imperialistas entre si. Era preciso enfrentar problemas completamente novos. A fase de desenvolvimento gradual e mais ou menos pacífico acabara. Com a guerra, crises revolucionárias instalaram-se em numerosos países. Os socialistas estavam chamados a, finalmente, realizarem o programa revolucionário do **Manifesto comunista**. Mas para isso deveriam primeiro superar sua própria crise interna, como ocorreu na próxima edição.

CDM Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois



Assembléia paulista relembra os 25 anos do golpe no Chile

Sueli Scutti

A Assembléia Legislativa de São Paulo, por iniciativa do deputado do PCdoB Jamil Murad, realizou no dia 4 de setembro sessão em homenagem ao povo chileno lembrando os 25 anos do golpe militar no Chile e as vítimas da ditadura, entre as quais o então presidente do país, Salvador Allende, o poeta Pablo Neruda e o cantor e compositor Victor Jara. Allende morreu num sangrento bombardeio das Forças Armadas ao Palácio de La Moneda, no dia 11 de setembro de 1973, logo após o golpe. Ele foi o primeiro socialista eleito presidente do Chile, em coalizão dos partidos de esquerda.

Victor Jara era um jovem artista de teatro e da música, militante comunista que teve as mãos decepadas por torturadores que pretendiam calar seu canto e seu violão. Instigado pelo torturador a cantar, ele entoou a canção "Venceremos", o hino da Unidade Popular que elegeu Allende, seguido em coro pelos cinco mil prisioneiros do Estádio

Chile, onde morreu depois de quatro dias de torturas. Antes, rabiscou seu último poema, conhecido como "Estádio Chile". Em alguns versos ele declara "Que espanto causa o rosto do facismo! Colocam em prática seus planos com precisão esperta/ sem que nada lhes importe./ O sangue, para eles, são medalhas." A canção ficou sem fim e originou o livro "Canção Inacabada", publicado no Brasil pela Record e escrito por Joan Jara, uma inglesa que era casada com o cantor.

Neruda foi o maior poeta chileno, prêmio Nobel de Literatura, diplomata e senador. Seu poema "Regresso a Chile" foi declamado pela professora Ana Elisa Pino Armijo, um dos momentos que mais emocionaram a platéia no plenário da Assembléia Legislativa.

Retribuindo a solidariedade

Jamil Murad disse que com a homenagem "estamos retribuindo a solidariedade que recebemos do povo chileno que tão fraternalmente nos acolheu quando éramos



Artistas homenageiam Allende, Jara e Neruda

nós os perseguidos por ditadores sanguinários", ao lembrar que "o Chile foi a segunda pátria de uma legião de brasileiros exilados que lá tiveram trabalho e filhos".

O cônsul do Chile em São Paulo, Alfredo Tapia Salazar, disse que da mesma forma que para os brasileiros, setembro tem especial significado para os chilenos por ser também o mês da pátria. "Em ambos os países recordamos nossos heróis em seus pioneiros esforços para obter a independência. No Chi-

le, o mês de setembro também assinala o início da cálida primavera e o término de cinzentos dias de inverno".

Nuvens negras no horizonte

O presidente nacional do PCdoB, João Amazonas, disse que "esta homenagem se justifica porque vemos nos horizontes da América Latina novas nuvens negras que vão começando a aparecer, dando sinais de que o sistema violento que varreu nosso conti-

nente em anos passados pode retornar com mais ferocidade." Afirmou que "devemos nos inspirar no exemplo de Allende, Neruda e Jara para que possamos alcançar aquilo com que eles sonharam e continuamos sonhando: a justiça social, um mundo de paz, de cultura, digno de todos os filhos deste planeta".

Durante o ato, houve apresentação dos grupos folclóricos Canta Chile e Tupahue e dos solistas Roberto Córdoba e Reinaldo Mistral.

Participaram ainda da homenagem o cônsul do México, Luis Martinez Fernandes del Campo, o cônsul geral de Cuba, Rafael Suarez Tabares, o secretário de Relações Internacionais do PT, Marco Aurélio Garcia, o secretário de Justiça do Estado de São Paulo, Belisário dos Santos Júnior, o presidente da Associação Brasileiro-Chilena de Amizade, Renan Adolfo Marales Jaque, a presidente da União Brasileira de Mulheres, Liége Rocha, o dirigente do PCB, Antonio Carlos Mazzeo e dezenas de pessoas da comunidade chilena que vive em São Paulo.

América imperial

Domingos Lopes*

Os bombardeios do Sudão e do Afeganistão ordenados pelo presidente dos EUA, Bill Clinton, num momento de tremendas dificuldades internas, suscita algumas reflexões.

A primeira tem a ver com a natureza do sistema político-institucional do país. A máquina político-militar está montada para servir o poder Executivo, que em última instância se concentra nas mãos do presidente.

Em questões tão importantes envolvendo agressões a outros países, o presidente dos EUA têm as mãos livres para decidir a seu belo prazer, de acordo com seus próprios interesses, podendo até arrastar o país para conflitos internacionais.

Agressões graves

O sistema que obriga o presidente a ir depor diante do "Grande Júri" para explicar se manteve com uma estagiária uma relação sexual apropriada ou imprópria, permite-lhe organizar, com homens da sua confiança, bombardeios a outros países. Esse sistema engendra um país sobressaltado com a vida sexual do presidente e simultaneamente com-



placente para com agressões externamente graves e injustificadas a outros países.

A segunda reflexão tem a ver com a justificativa dos bombardeios, ou seja, o combate ao terrorismo, neste caso islâmico. É que o fundamentalismo islâmico, desde os anos cinquenta, contou com o apoio ativíssimo dos EUA para combater os regimes laicos e patrióticos do Egito, Síria e mais tarde Argélia, Iraque e Yemen.

Os "irmãos mulçumanos", o "Hamás", a "Jihad Islâmica", o "Gamat-I-Islami" medraram com a ajuda preciosa dos vários serviços americanos.

No combate à revolução afegã, os EUA treinaram em

diversos países (Yemem do Norte, Sudão, Arábia Saudita, Paquistão e outros) os mais diversos grupos terroristas. A coordenação atingiu tais níveis que os EUA entregaram a esses grupos mísseis Stinger. As monstruosidades criminosas que os integristas islâmicos praticam, no poder, já as praticavam quando combatiam a revolução afegã, nomeadamente contra as escolas, professores, enfermeiros, centros culturais, etc. Os EUA sabiam quem apoiavam. E sabem quem são os Taliban colocados no poder em Cabul pelo seu aliado paquistanês. O domínio na área passa pelo fechar de olhos aos horrores crimes praticados pelo

novo poder em Cabul.

O poder impiedoso dos integristas sem respeitar quaisquer direitos ou liberdades está mais próximo da nova ordem liberal, do que a dos regimes preocupados com a defesa da independência nacional e desenvolvimento das suas economias e populações.

Mãos sujas

Não se pretende fazer a história dos diversos grupos terroristas islâmicos. Mas não é demasiado sublinhar que nasceram para combater as forças democráticas, laicas e marxistas. Foi por isso que os EUA as apoiaram contra Nasser, Boumediene, Abdel Fatah Ismail, Hafez El Hassad, etc. Os EUA têm as mãos sujas pelos crimes cometidos pelos integristas islâmicos, incluindo pelos homens de Bin Laden.

A terceira reflexão diz respeito ao caráter imperial da política externa dos EUA. O presidente dos EUA age como se a comunidade internacional estivesse sob sua alçada. O respeito pela soberania dos outros Estados não existe face à América imperial. O desprezo pela legalidade internacional e de tal ordem que os EUA lançaram uma missão de investigação da ONU ao Sudão para confirmar

se os mísseis tinham acertado uma simples fábrica de medicamentos. Essa política imperial representa um enorme perigo para toda a humanidade.

A quarta reflexão tem a ver com a atitude dos políticos ocidentais, incluindo os dirigentes da Internacional Socialista. Na verdade, os principais dirigentes da Internacional Socialista continuam a suas submissão à política dos EUA. Não há comentador político que não faça a ligação entre as dificuldades internas de Clinton e os bombardeios. Ora, apesar disso, os dirigentes da Internacional manifestam apoio, uns, outros compreensão. Tony Blair, Jospin, Guterres são absolutamente incapazes de se demarcarem do Big Brother. No fundo, bem no fundo, é porque se sentem parecidos. E compreende-se a posição da Grã-Bretanha e da França, pois também têm as mãos sujas no apoio a estes grupos terroristas e um desejo de afirmação imperial. Agora o nosso Portugal, que ganha com estas atitudes? Apenas e tão só as boas graças do ensarilhado Inquérito da Casa Branca.

Um voto de esperança

O histórico teatro do Tuca, na PUC/SP foi pequeno para o lançamento do manifesto dos intelectuais em apoio a candidatura de Lula. O evento contou com a presença de Chico Buarque e outros artistas, professores, cientistas, e intelectuais. O manifesto é uma declaração de esperança e pede um "engajamento radical" na campanha da União do Povo Muda Brasil. Inicialmente assinado por cem personalidades, até o final do ato de lançamento o manifesto já contava com mais de mil assinaturas.

Confira a íntegra do Manifesto:

O compromisso dos intelectuais brasileiros com o futuro do país

"Como professores, cientistas, artistas, intelectuais, tivemos acesso aos bens culturais criados pela humanidade. As posições a que chegamos na vida intelectual do país devem-se também ao esforço de milhões de brasileiros. A responsabilidade que temos para com a sociedade exige mais do que seriedade e competência: pede um engajamento radical.

Através deste Manifesto queremos assumir um compromisso com o futuro do Brasil.

Fazemos saber ao povo brasileiro nossa opção pela União do Povo, Muda Brasil, pela candidatura de Luís Inácio Lula da Silva à presidência da República.

Estamos com Lula porque acreditamos que somente com crescimento e distribuição de renda, fortalecendo a indústria e a agricultura, criando empregos e eliminando a exclusão é que se pode conseguir uma verdadeira estabilidade da moeda.

Críticos do "pensamento único", que só nos propõe a via de uma inserção subordinada no mundo da globalização financeira, acreditamos que é possível construir um caminho de crescimento com distribuição de renda, um desenvolvimento sustentado, soberano e solidário que permita corrigir as desigualdades seculares que marcam nossa história.

Estamos com Lula porque queremos aprofundar a democracia em nosso país e porque acreditamos que quando não há democracia econômica e social, é a democracia como um todo que se encontra ameaçada.

Forçados na luta contra o autorita-



Chico Buarque e Lula, durante o ato (ao lado) em que os intelectuais manifestaram apoio ao candidato da União do Povo Muda Brasil, em São Paulo: novo contrato social

Fotos: Maurício Moraes



rismo, repugna-nos a promiscuidade política do atual presidente com os velhos serviços do regime militar. Provocam nossa indignação as tentativas de manipulação do Congresso Nacional e do Judiciário pelo Poder Executivo.

Não se pode falar em "sociedade civil" e, ao mesmo tempo, insultar aposentados, idosos ou tentar desqua-

lificar permanentemente as oposições. Um presidente eleito pelo voto popular não pode transformar seus adversários em inimigos.

Não pode haver um país de cidadãos nem respeito aos direitos humanos enquanto existirem milhões de desempregados e excluídos, milhões de crianças e jovens privados de educação de qualidade, um sistema de

saúde à beira do colapso.

Como intelectuais e trabalhadores da cultura queremos um amplo debate de idéias sobre o país, o que exige a democratização dos meios de comunicação.

Estamos com Lula porque acreditamos que alguém vindo do povo, que articule o que a sociedade brasileira possui de melhor, será capaz de estabelecer um novo contrato social, conduzir a grande negociação nacional para eliminar as graves distorções de nossa economia e as ameaças que pesam sobre ela.

Estamos com Lula porque queremos um novo Brasil e para isso necessitamos novas políticas, novas prioridades e um novo governo.

Estamos com Lula, sobretudo, porque não perdemos a esperança e porque vemos nesse filho do Brasil, as virtudes políticas, intelectuais, éticas e morais indispensáveis para conduzir nosso país nesse período difícil que vivemos."



IMPRESSO

CEP 01318-020 - São Paulo - SP

Rua Adoniram Barbosa, 53 - Bela Vista

Tel.: (011) 3104 4140



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Moraes

